

O LUGAR DA CULTURA E DA EDUCAÇÃO NO ENSINO FUNDAMENTAL: IMPACTOS DA PESQUISA NO FAZER DOCENTE

Cricia Ramos Costa

Membro do Grupo de Pesquisa Educação e Cultura (GPECult), vinculado à Universidade Federal Fluminense (UFF). Gestora de escola de Ensino Fundamental na Creche Municipal Professor Carlos Alberto Horta Avelino.

E-mail: criciaramos@gmail.com

ÁREA TEMÁTICA: Ciências Humanas.

RESUMO: O presente trabalho foi desenvolvido a partir das vivências nos cursos de extensão de Universidades Públicas do Rio de Janeiro através de seus Programas de Pós-graduação em Educação (UFRJ/FIOCRUZ/UFF) no intuito de atualizar meus conhecimentos e o diálogo entre a produção acadêmica e a Educação Brasileira no que se refere ao fazer docente. Enquanto servidora pública da educação no Município do Rio de Janeiro desde 2002 e no Município de Nova Iguaçu desde 2004, há muitas observações e mudanças nas políticas públicas educacionais e seus objetivos dentro da escola cujos os quais merecem a atenção dos educadores. Como professora do Ensino Básico, mais especificamente professora do Ensino Fundamental 1, algumas decisões sempre foram pontuais para questionamentos e reflexões quanto aos objetivos traçados pelos órgãos centrais que chegavam até nós, no “chão da escola”. A partir de 2013, quando ocupei a função de gestora esses questionamentos foram cada vez mais aumentando fazendo com que a vivência na escola e minha circulação nos órgãos centrais, com a responsabilidade de fazer com que essas decisões fossem realizadas com êxito, não davam mais conta das minhas inquietações. Destarte, como integrante do Grupo de Pesquisas em Educação e Cultura (GPECult), certificado pelo CNPq desde 2021, criado e liderado pelo professor William de Goes Ribeiro, vinculado à Universidade Federal Fluminense (UFF), tem contribuído de forma a acrescentar no fazer pedagógico dentro da escola com mais consciência da função que ocupo até o presente momento.

PALAVRAS-CHAVE: Educação. Cultura. Ensino Fundamental.

THE PLACE OF CULTURE AND EDUCATION IN ELEMENTARY EDUCATION: IMPACTS OF RESEARCH ON TEACHING

ABSTRACT: This work was developed based on experiences in extension courses at Public Universities in Rio de Janeiro through their Postgraduate Programs in Education (UFRJ/FIOCRUZ/UFF) with the aim of updating my knowledge and the dialogue between academic production and Brazilian Education with regard to teaching. As a public servant of education in the Municipality of Rio de Janeiro since 2002 and in the Municipality of Nova Iguaçu since 2004, there are many observations and changes in public educational policies and their objectives within the school which deserve the attention of educators. As a Basic Education teacher, more specifically a Elementary School 1 teacher, some decisions were always punctual for questions and reflections regarding the objectives outlined by the central bodies that reached us, on the “school floor”. From 2013 onwards, when I took on the role of manager, these questions increasingly increased, meaning that my experience at school and my circulation in central bodies, with the responsibility of ensuring that these decisions were carried out

successfully, no longer met my concerns. Therefore, as a member of the Research Group on Education and Culture (GPECult), certified by the CNPq since 2021, created and led by teacher William de Goes Ribeiro, linked to the Universidade Federal Fluminense (UFF), I have contributed in order to add to the pedagogical work within the school with more awareness of the role I occupy to date.

KEYWORDS: Education. Culture. Elementary Education.

INTRODUÇÃO

A paixão pela escola sempre esteve presente na minha vida, desde a mais tenra idade, quando morava numa casa humilde, na Baixada Fluminense num bairro periférico de Nova Iguaçu) e com 3 anos de idade minha mãe engravidou pela segunda vez, me dando de presente minha irmã. Naquela época não fazia ideia do quanto, mas eu me sentia responsável por ela, e os conselhos da família eram sempre que o estudo era a única maneira de mudar a vida de pessoas como nós: crianças pobres, filhas de um trabalhador industrial, em que sonhava para nós mais do que ele pôde ter da vida.

Nas brincadeiras de criança, não tinha muitos recursos, mas lembro-me de duas pessoas que sem perceber contribuíram muito para que eu me tornasse professora: meu tio pintou uma das paredes externas da sua casa de verde, transformando aquele espaço num quadro de giz e meu avô paterno que trabalhava com marcenaria e produzia bancos e mesas pequenas para mim, minha irmã e minhas primas para que pudéssemos nos assentar em lugares ideais ao nosso tamanho para realizar as refeições quando a família se reunia.

Nos finais de semana em que eu estava na casa do meu avô paterno e consequentemente na casa desse tio (eles moravam no mesmo quintal), meu imaginário de professora numa grande sala de aula se concretizava quando pegava os móveis mirins produzidos pelo meu avô e escrevia naquela parede o quadro verde.

Passava atividades, explicava, fazia chamada, dava visto em cadernos das bonecas que eu colocava para serem minhas alunas e alunos. Falava sozinha, brincava de roda, e ao final me despedia de todos os alunos bonecas com um beijinho dizendo: “até amanhã”.

Chegou o período do Ensino Médio, nada me fez mudar de ideia pois o curso de Formação de Professores me fascinava. Eu pensava que ali era meu lugar e a realização do meu primeiro sonho estava muito perto. Aos 16 anos terminei e coleí grau numa

cerimônia que meu pai receberia uma homenagem por ter sido aluno desta mesma escola há 30 anos. Mal sabíamos que 6 anos após viera a falecer, e conseqüentemente, não poderia acompanhar minha trajetória acadêmica e profissional. Mas chegou a acompanhar minha posse quando assumi minha primeira matrícula como docente, Professor 2 no município da Cidade do Rio de Janeiro.

Decidi fazer graduação em Pedagogia, após 5 anos de colar grau no Ensino Médio, pois nesse meio tempo as intempéries da vida não me deram a oportunidade que sonhava.

Entre o final da graduação em 2006 até 2023 continuava com o desejo de retornar à Academia, mas sempre muito insegura, não conseguia ter iniciativa, quando uma amiga me pegou pela mão após passar no mestrado e me chamou para assistir com ela algumas aulas como aluna ouvinte. Gentilmente o professor da disciplina autorizou, e aí foi quando uma chave virasse dentro de mim ao conhecer o intelectual italiano marxista Antônio Gramsci, e sua contribuição para educação brasileira criticando o neoliberalismo e indo em favor de uma pedagogia para as classes operárias com sentido de transformar a realidade dos explorados pelo capitalismo, fazendo eclodir uma revolução na sociedade a partir da consciência de classe e a luta do trabalhador para essa conquista,

A partir de então, com a orientação desse professor e a propagação de cursos de extensão em vários espaços públicos, que caminham por esse viés, fui tendo a oportunidade de me aproximar de conceitos que até então eram totalmente estranhos, por conta da minha formação inicial, e fui percebendo que quanto mais desejo me aproximar e me apropriar dos conhecimentos, mais eu tenho de aprender. E é isso que faz a Educação ser fascinante pra mim, pois estamos sempre no processo de evoluir, e compartilhar o que os cursos de extensão podem proporcionar para o professor como parte importante e necessária na formação continuada, é o objetivo desse trabalho.

CONTRIBUIÇÕES DOS CURSOS DE EXTENSÃO PROMOVIDO PELO NUFIFE – UFF

Após passar o segundo semestre de 2023 assistindo aulas de Gramsci, houve um grande incômodo por desconhecer quanto a pesquisas recentes em educação e em cultura no Brasil, principalmente diante deste cenário crítico que politicamente atravessa.

Palavras como comunista, marxista, esquerdistas, ditador, ditadura e outros léxicos são falados com grande naturalidade pela população e pelos meios sociais (presenciais e virtuais), mas sem conhecimento de causa, apenas para legitimar a forma das pessoas (da extrema direita) pensarem com toda a influência que o capitalismo domina a sociedade brasileira.

E esse incômodo me direcionou aos cursos de extensão da UFRJ, FIOCRUZ e UFF em que aos poucos minha turva visão acerca das minhas incertezas foram me levando para lugares iluminados me fazendo enxergar os esclarecimentos que esses intelectuais trazem para a Educação, e que nada do que acontece na política, economia e sociedade estão desatreladas. E mais, que todo o movimento capitalista direcionados pelos neoliberais atingem a Educação para cumprir seus objetivos em manter a hegemonia nas políticas públicas educacionais na contemporaneidade brasileira.

A partir da minha experiência e por estar mergulhada na Educação Básica de esfera Pública especificamente no Município de Nova Iguaçu, percebo que 1) os cursos de extensão das Universidades não chegam facilmente aos docentes; 2) quando chega algum curso de aperfeiçoamento, são em sua maioria pagos; 3) mesmo existindo a “Casa do Professor” um anexo da Secretaria de Educação que oferece cursos, palestras e afins, não contempla toda a rede, e quando oferecidos são cursos/palestras mais sobre a prática/didática do que reflexões macros que abarcam a complexidade da Educação Brasileira.

De acordo com os cursos que tive aproximação, ao ser apresentada pelos professores (em sua maioria doutores) que oferecem reflexões sobre a Educação Brasileira na perspectiva de intelectuais e teóricos que analisam a sociedade como um todo, sob a tríade política-cultura-economia não só local, mas mundial, é possível compreender melhor as políticas públicas que envolvem a Educação, e seria impossível não analisar a prática docente sem essas influências e contribuições que nos cerca.

O presente trabalho tem objetivo traçar uma reflexão paralela entre os cursos de extensão oferecidos e a prática docentes na perspectiva teórica de: Marx, Gramsc e, Paulo Freire no contexto neoliberalista como dinâmica da fase do capitalismo que estamos vivenciando hodiernamente.

Para contextualizarmos, vamos apresentar em linhas gerais o que é o liberalismo e consequentemente o *neoliberalismo*. As imensas lutas políticas na Europa que marcaram a queda das monarquias absolutistas na Idade Média e os processos que fortaleceram a burguesia como classe dominante é denominado como liberalismo. Este foi um processo de longos anos, em que esta vertente, o liberalismo, realizava duríssimas críticas às sociedades medievais legitimando e fundamentando à nascente sociedade burguesa, que dava seus primeiros passos: (críticas econômicas em relação ao clero e à nobreza, exploração do trabalho dos comerciantes e servos, poder concentrado nas mãos de reis e Igreja, falta da democracia). Dessa forma, o liberalismo apresentou-se como uma crítica ao Antigo Regime. Seus idealizadores foram o escocês Adam Smith (1723-1790), o inglês John Locke (1632-1704), o suíço Jean Jaques Rousseau (1712-1778), entre outros.

O neoliberalismo surge com força após a Segunda Guerra Mundial, em 1945, pois com a Europa devastada pela guerra, esforços imensos seriam necessários para a reconstrução desses países e de suas economias. Os trinta anos após esse período foram considerados os anos de ouro do capitalismo: nos países centrais as taxas de alto índice de crescimento econômico e baixo índice de desemprego, o que ficou conhecido como Estado de bem-estar social pelo fato de muitos países (Europa e EUA), os trabalhadores conquistarem muitos direitos sociais em várias áreas.

Infelizmente os países periféricos (de periferia como África, Ásia e especialmente o Brasil) não vivenciaram este processo. Basta pensarmos nas políticas de acesso à Educação, Saúde e Previdência durante os anos 60-70, e a dificuldade que muitas famílias enfrentam até hoje para assegurar uma vaga para seus filhos na Educação Básica.

Entretanto na década de 70, o neoliberalismo enfrentou sua primeira crise, e o projeto ganhou força com o Partido Conservador em 1979 com Margaret Thatcher na Grã-Bretanha, e nos EUA com Ronald Reagan (partido Republicano) em 1980.

A partir daí, os principais países capitalistas do mundo (Conhecidos como G7) unidos ao FMI e ao Banco Mundial, promoveram os aspectos do projeto neoliberal, quando realizarem empréstimos aos diversos países de 1980 a 2000, exigiam a obrigação desses países em realizar políticas como privatizações, corte de impostos de empresas, (contra) reforma da previdência, abertura à importação de produtos dentre outras medidas.

Cada país sofreu mudanças políticas que através das privatizações, observou-se na elevação da desigualdade social. No Brasil esse projeto iniciou-se timidamente com Collor e Itamar, mas ganhou força em sua implementação entre os anos 1995-2000 com a presidência de FHC, e desde então o Estado de bem-estar social tem perdido espaço para o modelo neoliberal e de serviços prestados: o Estado passou a assumir a função promover as iniciativas privadas da sociedade civil, como uma nova forma de organização estimulando a iniciativa privada fazendo com que as desigualdades sociais crescessem.

Dando um salto para 2020 e direcionando nosso pensamento mais para a Educação Brasileira, o neoliberalismo com toda sua força burguesa e com intenções cada vez mais de acumular o capital se insere na educação com o “TODOS PELA EDUCAÇÃO” (criado desde 2006) representados por uma grande quantidade de empresas donas de uma capital financeiro monstruoso, com conceitos de empreendedorismo, tornando a escola como o aparelho ideológico perfeito para propagar essa ideologia em que a precarização do trabalho docente aumenta, os trabalhadores possuem formação deficiente fazendo dessa escola cada vez mais um coletivo de decadência.

CONHECIMENTO A PARTIR DAS PARTICIPAÇÕES NO GPECULT - UFF

Através da participação no curso de extensão promovido pelo NUFIFE – UFF, conheci a professora Janiara de Lima Medeiros¹ a qual conversei acerca de encontros acontecidos de forma remota, na qual outras professoras da educação infantil participavam para conversar acerca da cultura e da educação.

Embora tendo outra episteme, participar do Grupo de Pesquisa em Educação e Cultura (GPECULT), certificado pelo CNPq desde 2021, criado e liderado pelo professor William de Goes Ribeiro, me despertou outras reflexões que também fazem parte do cotidiano escolar.

¹ Doutoranda em Educação vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense (PPGE UFF), Linha Filosofia, Estética e Sociedade (FES). Integrante dos Grupos de Pesquisa (Núcleo de Estudos e Pesquisas em Filosofia Política e Educação (NuFiPE); Estado, Trabalho, Educação e Desenvolvimento: o Pensamento Crítico Latino-Americano e a Traduzibilidade de Antonio Gramsci (GPETED) e; Grupo de Pesquisa Educação e Cultura (GPECult), todos vinculados à Universidade Federal Fluminense (UFF). Universidade Federal Fluminense (UFF). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3544078470911638>. ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-8610-4728> E-mail: jlmedeiros@id.uff.br

Diferente do curso no Nufipe com base marxista, o GPECult tem como objetivo incentivar estudos e produções de pesquisas em uma abordagem discursiva e pós-estruturalista. No entanto entendo que ampliar o olhar tem contribuído muito para a minha formação pois no grupo tenho tido a oportunidade de

debater propostas inclusivas, multi/interculturalistas e de/des/pós-colonizadoras, estudando e discutindo metodologias e produções experimentais e (pós) qualitativas, as quais enfocam a relação entre educação e cultura, incluindo análises voltadas desde políticas curriculares a políticas culturais não escolares (Fonte: site do GPECult <https://gpecult.com.br/noticias/> Acesso em outubro de 2024).

No grupo tive a oportunidade de conhecer a metodologia de pesquisa autobiográfica que valoriza a narrativa da minha história profissional. Sempre achei impossível escrever um artigo científico entendendo que a minha escrita pudesse ser muito rasa.

No entanto, ao conversar com a professora Jani e ao escutar as orientações do professor William tive coragem de registrar minhas experiências a partir deste caminho que busca pelo conhecimento em educação e em cultura que são fundamentais para os educadores em formação inicial ou continuada.

Outra contribuição para meu conhecimento que se torna enriquecida é quanto ao enlace entre o italiano Antonio Gramsci e o indiano Homi Bhabha que, segundo uma abordagem sintetizada de Jani, ambos têm diálogo e aproximações de pensamento que me inquietam pesquisar. Talvez possam ser no que diz respeito a narrativa que insere a América Latina como o continente fundacional do colonialismo; ou quanto a verificação da estrutura opressora do poder norte americana; ou ainda, quanto a necessidade de uma formação humanizada e de produção do pensamento ao conhecimento. Estas entre outras possibilidades despertam em mim agora alguns questionamentos que me intrigam a um direcionamento à pesquisa em educação e cultura através destes autores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O percurso de formação continuada desta educadora que se inicia na inquietação pela busca do conhecimento em razão da sua grande paixão que é a educação brasileira aponta à caminhos inicialmente diferentes: ao participar do curso de extensão promovido

pelo Nufipe e em seguida ao conhecer o GPECult tive a oportunidade de conhecer referenciais teóricos fundamentais ao meu crescimento profissional e entender que eles podem ter diálogo. Embora sendo de diferentes epistemes, o conhecimento que valoriza a minha experiência enquanto educadora, meus anos de formação na escola e a possibilidade de dialogar com esta minha vivência com estes referenciais teóricos por meio da metodologia autobibliográficas, trouxeram luz ao meu sonho de seguir como pesquisadora e professora rumando ao projeto de pesquisa de Mestrado como próxima etapa.

REFERÊNCIAS

HOMI K. BHABHA. **O local da cultura**. Belo Horizonte. Editora UFMG, 1998. Disponível em <https://teoliteraria.wordpress.com/wp-content/uploads/2013/02/bhabha-homi-k-o-local-da-cultura.pdf>

RIBEIRO, William de Goes. **Cultura e Educação**. Reunião de estudos do Grupo de Pesquisa em Educação e Cultura (GPECULT), realizada em 26 de outubro de 2024. Web site <https://gpecult.com.br/noticias/> Acesso em outubro de 2024.

BALLESTRIN, Luciana. **América Latina e o giro decolonial**. Disponível em <https://www.scielo.br/j/rbcpol/a/DxkN3kQ3XdYYPbwwXH55jlv/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em novembro de 2024